

Artefatos arqueológicos da coleção Museu Albino Busato de Casca/RS

Artefactos arqueológicos de la colección del Museo Albino Busato en Casca/RS

Archaeological artifacts from the Albino Busato Museum collection in Casca/RS

JULIANA FERNANDES DA SILVAⁱ  

Resumo: Este artigo visa compartilhar informações acerca dos artefatos arqueológicos provenientes da coleção do Museu Albino Busato (MAB) da região de Casca/RS, que está em processo de curadoria e análise pelo Laboratório de Cultura Material e Arqueologia da Universidade de Passo Fundo (LACUMA/UPF). O artigo trará uma contextualização histórica do Museu Albino Busato, bem como sobre as dinâmicas de salvaguarda do seu acervo. Com o objetivo de analisar as peças arqueológicas e apontar diferentes perspectivas sobre as suas possíveis origens, serão feitas ligações entre os artefatos da coleção e as pesquisas arqueológicas realizadas na região pelo Gabinete de Arqueologia da UPF, na década de 1970, além disso, a análise terá embasamento em referenciais teóricos sobre a cultura material dos povos Guarani e Jê Meridionais na região sul do Brasil.

Palavras-chave: Acervo arqueológico. Guarani. Jê Meridionais.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo compartir información sobre los artefactos arqueológicos de la colección del Museo Albino Busato (MAB) en la región de Casca/RS, que está siendo curada y analizada por el Laboratorio de Cultura Material y Arqueología de la Universidad de Passo Fundo (LACUMA/UPF). El artículo proporcionará un contexto histórico del Museo Albino Busato, así como la dinámica de salvaguarda de su colección. Con el objetivo de analizar las piezas arqueológicas y señalar diferentes perspectivas sobre su posible origen, se establecerán conexiones entre los artefactos de la colección y la investigación arqueológica realizada en la región por la Oficina de Arqueología de la UPF en la década de 1970. Además, el análisis se basará en referenciales teóricos sobre la cultura material de los pueblos Guarani y Jê del Sur in la region sur del Brasil.

Palabras clave: Acervo arqueológico. Guarani. Jê del sur.

Abstract: This article aims to share information about archaeological artifacts from the collection of the Albino Busato Museum (MAB) in the Casca region of Rio Grande do Sul, which is being curated and analyzed by the Laboratory of Material Culture and Archaeology of the University of Passo Fundo (LACUMA/UPF). The article will provide a historical context for the Albino Busato Museum, as well as the dynamics of safeguarding its collection. In order to analyze the archaeological pieces and point out different perspectives on their possible origins, connections will be made between the artifacts in the collection and archaeological research carried out in the region by the UPF Archaeology Office in the 1970s. In addition, the analysis will be based on theoretical references on the material culture of the Guarani and Southern Jê in the south region of Brazil.

Keywords: Archaeological collection. Guarani. Southern Jê.

ⁱ Mestranda em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Bolsista CAPES. Integrante do Laboratório de Cultura Material e Arqueologia (LACUMA), vinculado ao grupo de estudos em Cultura Material e Arqueologia. Especialista em Cultura Material e Arqueologia pela UPF e graduada em Artes Visuais pela mesma instituição. Possui experiência nas áreas de Artes Visuais e Arqueologia.

Considerações iniciais

O Laboratório de Cultura Material e Arqueologia da Universidade de Passo Fundo, conhecido como LACUMA/UPF, é uma instituição que salvaguarda, analisa e pesquisa coleções arqueológicas, estas provenientes de várias localidades próximas da região sul do Brasil, em especial do estado do Rio Grande do Sul. Neste estudo será destacada uma coleção arqueológica do município de Casca/RS, pertencente ao Museu Municipal Albino Busato. Visto que as informações são um tanto escassas, a coleção foi submetida a procedimentos de higienização, catalogação e análise pela equipe do LACUMA, contando com artefatos líticos e cerâmicos que possuem informações relevantes para análise, tanto em técnicas de produção, etapas de cadeias operatórias, como dados etno-históricos.

No decorrer deste artigo as peças arqueológicas serão analisadas a partir de perspectivas propostas por Brochado e La Salvia (1989), contando com complementações dos estudos de Miller (1967), e tecendo algumas críticas sobre a abordagem do autor. Serão utilizadas fontes vindas de matérias de jornais, que o Museu Albino Busato possui em seu inventário de documentos, demonstrando as pesquisas arqueológicas feitas pelo Gabinete de Arqueologia da UPF na década de 1970 na região de Casca, visando um melhor entendimento sobre as possíveis origens dos remanescentes arqueológicos da coleção MAB.

Para complementar o estudo dos materiais arqueológicos e de suas possíveis origens etnográficas, serão demonstradas as influências das abordagens do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) na pesquisa de Miller (1967) referente a artefatos arqueológicos encontrados em sítios do Rio Grande do Sul, bem como as perspectivas apresentadas por Copé (2006) sobre as ocupações humanas no planalto sul-brasileiro. Com isto, busca-se compreendendo os modos de pensar a arqueologia e a cultura material, para aplicar isso na análise do acervo do Museu Albino Busato. Outra questão abordada diz respeito à história de formação do Museu Albino Busato, com referências nos estudos de Berton (2020; 2023), que participou da organização e contextualização histórica do local e do acervo do Museu desde 2020.

Inicialmente, escrever uma contextualização sobre o município de Casca e a formação de seu Museu, nomeado Museu Albino Busato, é necessário. Conforme Berton (2023), a região

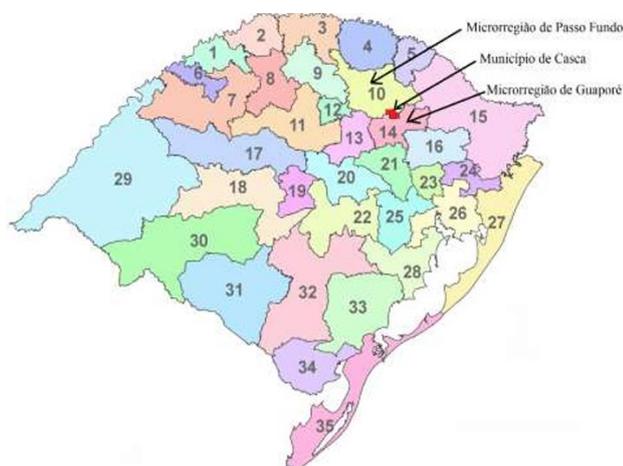
de Casca/RS pertencia à Colônia de Guaporé, e foi fundada em 1892. Caracterizada pela presença de imigrantes italianos e poloneses a partir das últimas décadas do século XIX, os remanescentes materiais da presença da humana nesta região testemunham processos de ocupação muito anteriores por povos indígenas Guarani e, majoritariamente, Jê Meridionais. Estas evidências vieram a público durante as pesquisas arqueológicas realizadas na região durante a década de 1970. Estas demonstraram que grupos indígenas teriam habitado e transformado a paisagem daquele território há muito mais tempo do que os europeus.

No planalto e nas terras altas do sul do Brasil, haviam grupos indígenas que ocuparam o território aproximadamente a 1800 anos (Perin *et al.*, 2019). Os grupos indígenas do tronco linguístico Macro-Jê foram os ocupantes desses locais, construindo estruturas subterrâneasⁱ como forma de moradia, locais cerimoniais, depósitos, entre outros. É importante lembrar que os atuais povos Kaingang e Laklãnõ (Xokleng), são povos falantes de línguas da família Jê do Sul, ou Jê Meridionais, sendo descendentes desses grupos ancestrais (Corteletti *et al.*, 2024). Além dos povos Jê, os povos do tronco linguístico Tupi-Guarani também ocupavam algumas partes do território riograndense. Segundo Vicoski (2019, p. 10):

Ao passo em que os Jê centralizavam seus domínios nas terras altas do Planalto Meridional, os indígenas falantes do tronco linguístico Tupi-Guarani davam vazão ao seu ímpeto expansionista guiando-se pelo curso dos grandes rios e seus afluentes. As várzeas férteis dos rios Uruguai e Jacuí guardavam as características necessárias à manutenção do seu meio de subsistência.

A região de Casca se encontra no nordeste do Rio Grande do Sul, em áreas do planalto. Na Figura 1, é apresentada a localização de Casca, juntamente com Passo Fundo e Guaporé, a fim de demonstrar um melhor entendimento sobre a localidade da origem dos materiais arqueológicos do acervo do Museu Albino Busato e de onde foram realizadas as pesquisas da década de 1970.

Figura 1 - Mapa do Rio Grande do Sul com as microrregiões



Fonte: Berton, 2023, p. 43.

Referente ao Museu Municipal Albino Busato, Berton (2020) comenta que o Museu foi inaugurado em 2018 e se encontra dentro da “Casa Busato”, tombada em 1994, porém construída em 1904. De acordo com a autora, o Museu teve sua constituição atravessada por inúmeras trocas administrativas durante os anos, ainda assim, foi possível concretizar a sua criação, o que representou uma conquista importante para a comunidade casquense. Berton (2020) também afirma que o acervo museológico de Casca começou a ser constituído em 1990, e com uma doação do acervo do antigo Museu Besson, em 2012, o Museu de Casca teve sua coleção expandida.

Dito isso, houve, em 2017, a patrimonialização da Casa Busato como Museu Municipal Albino Busato pela Lei nº 2.823/2017, que oficializou esta questão:

Art. 1º Fica determinado que a Casa da Família Busato, localizada na esquina da Rua Tiradentes com a Rua Júlio de Castilhos, matriculada sob nº 10.187, do Registro de Imóveis de Casca, denominar-se-á de "MUSEU MUNICIPAL ALBINO BUSATO"
Art. 2º Fica o Poder Executivo Municipal, quando em vigor a presente Lei de iniciativa do Poder Legislativo, autorizado a adotar as medidas necessárias à identificação do Museu Municipal ALBINO BUSATO (CASCA, 2017 *apud* Berton, 2023, p. 84).

O Museu havia passado por diversas sedes durante os anos. Referente à Casa Busato, atual sede do Museu, é um ponto de referência no município, “a única construção remanescente da primeira década do século XX, e fazia parte do complexo de casarões que existiam nos

arredores da praça da Igreja Matriz” (Berton, 2023, p. 84). A autora denota que a Casa Busato era uma casa de comércio, pertencente ao imigrante italiano Albino Busato, comerciante e industrialista de Casca, prestigiado socialmente. Berton (2023, p. 87) também afirma que a Casa Busato foi indicada para sediar o museu municipal, cujo acervo “seria considerado patrimônio material e cultural da comunidade de Casca [...]”.

O acervo do Museu como um todo, como já mencionado, começou a ser constituído no início da década de 1990. Ele foi devidamente organizado apenas em 2020, e, com isto, Berton (2023) apresenta em sua pesquisa algumas questões demonstrando que os objetos foram constituídos fora de uma lógica museológica, ela constata o seguinte:

No entanto, de antemão podemos levar em consideração que a constituição desse acervo não obedeceu a uma lógica de aquisição, nem foi acompanhada por profissionais de museologia, ou então obedecendo a um plano museológico. Esse acervo vem a ser um fenômeno de acumulação de objetos tidos como “reliquias” por alguns membros da comunidade casquense que tiveram a sensibilidade de guardar e, posteriormente, vieram a fazer parte do MAB (Berton, 2023, p. 112).

O acervo atual do Museu Albino Busato se formou contendo variados contextos e origens. Apesar das formas de aquisição não terem sido feitas a partir de uma lógica museológica, onde muitos objetos pertencentes a moradores de município vieram a fazer parte do Museu, o acervo é institucionalizado. Berton (2020) afirma que as memórias das culturas materiais e imateriais dos imigrantes e colonizadores da região de Casca segue sendo uma memória viva na comunidade. Percebendo isto, a influência da cultura europeia, principalmente italiana, se materializa fortemente dentro das coleções. Em 2020, Berton realizou categorias para auxiliar na catalogação do acervo e compreendê-lo mais facilmente, demonstrando em sua pesquisa de 2023 os resultados, que foram catalogados como: Coleção Religiosa (47 objetos); Coleção Uso Doméstico (205 objetos); Coleção Eletroeletrônicos e Eletrodomésticos (93 objetos); Coleção Loja Busato (54 objetos); Coleção Arqueológica indígena (374 objetos); Coleção Móveis (67 objetos); Coleção Mundo Rural (181 objetos); Coleção Objetos de Uso Pessoal e outros (390 objetos); e Coleção Documental e Bibliográfica (2.971 objetos).

Berton (2023) reflete sobre o modo com que os objetos do Museu Albino Busato foram escolhidos, sendo dotados de significados para os moradores, ela define que:

[...] os objetos ao serem inseridos no ambiente museológico ganham outros significados, eles passam a deixar de ser utilitário para tornar-se um meio narrativo,

ao qual busca-se construir um discurso, contribuindo para legitimar ou deslegitimar conceitos e narrativas. Os objetos ganham novo significado, passam a ser obras e compor uma coleção patrimonial. (Berton, 2023, p. 78)

Respeitando esta lógica, o acervo todo do Museu Albino Busato foi constituído de uma forma que demonstra os interesses e a memória coletiva dos moradores do município, retratando a parcela esmagadora de colonização europeia. Como visto, a maioria dos objetos do Museu se encaixam em questões ligadas a construção de discursos de legitimação, identidade e narrativas colonizadoras, que a autora demonstra em sua análise.

Referente à categoria que o Museu Albino Busato se insere, na visão de Berton (2023, p. 101), é concluído o seguinte:

Compreendemos que a Casa Busato se insere nesse contexto de um bem que através do interesse público, validado pelos órgãos de justiça, foi entendido como passível de tombamento e, posteriormente, musealização a nível municipal. Outrossim, passamos a entender o MAB como um Museu Casa, ao qual, na lógica regional, insere-se como um monumento/documento, testemunha do crescimento do povoado de Vila Casca, bem como resguarda da memória da família Busato, que teve grande importância na constituição do local.

Apesar da grande quantidade de objetos ligados às tradições e culturas italianas e polonesas, o Museu conta com o acervo arqueológico indígena, do qual será tratado neste artigo. Os responsáveis pela organização do Museu em 2020 não obtiveram sucesso em saber o ano de aquisição dos objetos arqueológicos, que já estavam nas dependências do Museu antes dos trabalhos categóricos das coleções. Os materiais arqueológicos contam com peças líticas como machados polidos, boleadeiras, instrumentos lascados, e peças cerâmicas com decorações variadas e sem decoração. Apesar do MAB possuir uma parcela significativa de seu acervo vinda de origens indígenas, Berton (2023) expõe que há um claro silêncio quando se trata dos povos originários na região, existe um apagamento desta cultura, seja intencionalmente ou não. Este apagamento é intensificado por ser uma região com vasta influência das colonizações europeias.

O acervo arqueológico do MAB não esteve recebendo os devidos cuidados curatoriais, visto a falta de profissionais ligados à Arqueologia e cultura material, portanto foi higienizado, catalogado e analisado pela equipe do LACUMA. Em decorrência disto, buscamos demonstrar o que se pôde compreender a partir da análise destes materiais, pertencentes a grupos Guarani

e Jê Meridionais, procurando estruturar bases informativas que façam com que estes artefatos sejam melhor compreendidos e valorizados pelas pessoas da comunidade.

Arqueologia em Casca/RS e perspectivas arqueológicas

Antes de falar sobre o acervo MAB, é importante contextualizar como a Arqueologia se registra no município de Casca/RS. As pesquisas arqueológicas na região de Casca possuem registros em meados da década de 1970, aparecendo a público em meios de comunicação como jornais e revistas. Durante aquela época, a Universidade de Passo Fundo continha um grupo de professores e pesquisadores que compunham o Gabinete de Arqueologia, coordenado pela professora do curso de História da UPF, Norah de Toledo Boor, e seus colegas, professores do curso de História Ari Carlos Ribeiro de Moraes Fernandes e Antônio Leal Boff, o engenheiro-agrônomo Adilson Mesquita, além de outros colaboradores. Segundo uma reportagem do *Correio do Povo* (1978), é citado que os professores mencionados acima haviam encontrado túneis e galerias subterrâneas no interior de Casca, que deduziram pertencer a uma civilização antiga, podendo ter mais de 2.000 anos. As notícias da época demonstraram um ar sensacionalista, porém foi uma descoberta bastante importante naquele momento para a região do norte do Rio Grande do Sul e principalmente para o município de Casca, sendo uma cidade do interior.

A reportagem do *Correio do Povo* (1978) descreveu que estas pesquisas dos professores da UPF contaram com opiniões de pesquisadores da arqueologia como Fernando La Salvia, que participou de algumas escavações e fez considerações sobre os achados. Isto foi importante para a credibilidade da pesquisa, visto que Fernando La Salvia foi um arqueólogo e pesquisador brasileiro que fez parte de pesquisas do Instituto Anchieta, estando presente desde os primeiros anos dos estudos de estruturas subterrâneas no Rio Grande do Sul e das cerâmicas indígenas, demonstrados em Schmitz *et al.* (1967), La Salvia (1968), Schmitz (1969), Bertussi *et al.* (1983), Brochado e La Salvia (1989), entre outros trabalhos que se estenderam pelos anos 2000. Os professores afirmaram acreditar que os túneis pertenceriam aos povos do tronco linguístico Jê, visto que estavam interligados com depressões circulares na terra denominadas, atualmente, de estruturas subterrâneas e semissubterrâneas.

O que se percebe nas pesquisas arqueológicas e paleontológicas mais recentes que se referem aos “túneis e galerias subterrâneas” é a identificação deles como Paleotocas. Segundo Vicoski e Frank (2013, p. 2) “A grande maioria das galerias possui morfologia, dimensões e feições nas paredes e teto que permitem reconhecê-las como paleotocas, túneis cavados por preguiças gigantes da Megafauna Cenozóica, cuja extinção ocorreu há aproximadamente 10.000 anos.”. As galerias subterrâneas foram associadas às construções em terra, estruturas semissubterrâneas, habitações ou casas subterrâneasⁱⁱ, que são ligadas, de fato, aos povos Jê Meridionais, ancestrais dos atuais Kaingang e Laklãnõ, sendo Chmyz (1965) um dos primeiros pesquisadores de estruturas a levantar essa hipótese sobre elas e os Jê.

De acordo com a reportagem do Correio do Povo (1978), os professores do Gabinete de Arqueologia da UPF associaram as galerias subterrâneas aos povos Jê pelo fato de que, além de estarem ligadas às estruturas e habitações subterrâneas, o histórico dos povos indígenas daquela região já era percebido por ser Jê e Guarani. O pensamento de que o sítio arqueológico pudesse ser bastante antigo se deu pelo fato de que dentro das galerias subterrâneas foi encontrado somente um instrumento lítico (machado de formato lunar) e nenhuma cerâmica, o que remeteu a um período pré-cerâmico daqueles povos indígenas. Naquela época os estudos das Paleotocas eram muito incipientes, e os professores da UPF associaram os túneis aos grupos humanos por encontrarem resquícios de argila queimada nas paredes das estruturas subterrâneas e dos túneis que as interligavam (Veja, 1978).

As pesquisas em Casca demonstraram que a região teve indícios do mundo antigo paleontológico e arqueológico. Em outras localidades do Rio Grande do Sul, arqueólogos e arqueólogas realizaram pesquisas de sítios com estruturas subterrâneas e semissubterrâneas tais como as encontradas em Casca na década de 1970. Rogge e Schmitz (2009), percebem na região de São Marcos/RS, que os sítios e assentamentos dos Jê contavam com estruturas subterrâneas como habitações, montículos funerários, abrigos com esqueletos humanos e sítios a céu aberto. Estes tipos de sítios foram encontrados em outras localidades do estado que determinaram ocupação dos Jê Meridionais. Além dos artefatos arqueológicos encontrados em sítios Jê, existem também na região de Casca, sítios arqueológicos com artefatos de tradições de povos Tupi-guarani. Na pesquisa de Schmitz *et al.* (1988) os autores demonstram escavações de estruturas subterrâneas e aterros, onde perceberam a ocorrência de materiais arqueológicos caracterizados como Jê juntamente com materiais de tradições Tupi-guarani, o que fez os

autores considerarem que houve interações ou contatos regulares destes dois grupos indígenas. Segundo Mentz Ribeiro (2009, p. 165), as ocorrências do povo Tupi, “No Rio Grande do Sul as mais antigas estão no centro e norte do estado, vale dos rios Jacuí e Uruguai, iniciando em 150 e 730 D.C. atingindo 1750 e 1725 D.C., respectivamente”.

Como os artefatos do Museu Albino Busato não possuem contexto, ou seja, foram doados ou coletados por alguém sem conter informações preliminares de sítio arqueológico e localidades exatas, serão feitas considerações de modo a perceber as características dos materiais, decorações, matérias-primas, e, além disso, das possíveis funções dos objetos, que determinariam formas de compreender a cultura dos povos Jê Meridionais e Guarani. Tem-se uma das hipóteses de que a coleção MAB fez parte dos materiais localizados pelos professores do Gabinete de Arqueologia, porém não há confirmações quanto a isso. Busca-se uma abordagem que leve em consideração as particularidades etnográficas, culturais, simbólicas desses dois povos, que alguns profissionais da Arqueologia têm procurado demonstrar estas perspectivas em suas pesquisas, como pode ser visto em Noelli (2004), Copé (2006), Corteletti *et al.* (2024).

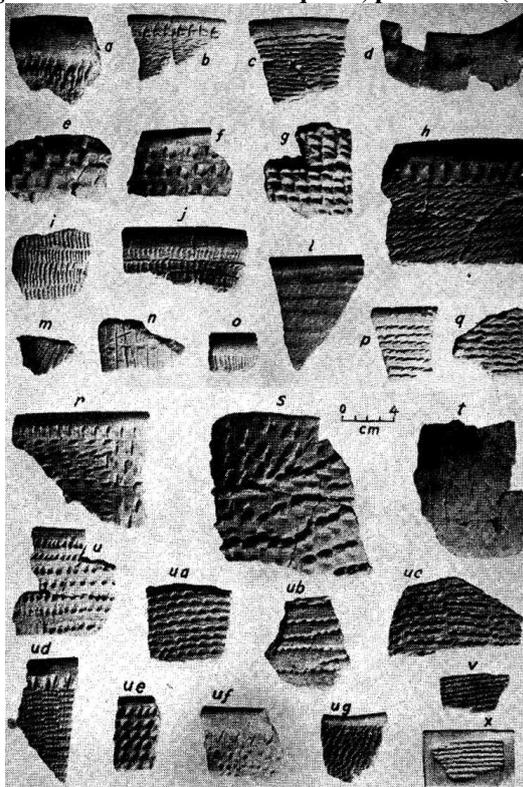
Para fins de contextualização e para perceber as mudanças de perspectivas da Arqueologia, é importante destacar que os artefatos arqueológicos brasileiros, a partir da década de 1960, passaram a ser percebidos por alguns pesquisadores da arqueologia ligados ao PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas) através de “Tradições” e “Fases”, demonstradas brevemente no trabalho de Miller (1967). De acordo com o autor, no primeiro ano de pesquisa para o PRONAPA foram estudados 119 sítios arqueológicos na região do Vale do Rio dos Sinos e Maquiné, além da zona lagunar litorânea no nordeste do Rio Grande do Sul, e de pesquisas de anos anteriores haviam 365 sítios arqueológicos no Vale do Rio dos Sinos, destacando o município de Taquara. Miller (1967) afirma que com as características destes sítios arqueológicos e dos artefatos associados a eles, foram estabelecidas 7 fases arqueológicas, 3 delas sendo pré-cerâmicas e 4 cerâmicas. Referente às Tradições e Fases, determinaram Schmitz e Becker (2006, p. 69):

Fases denominam conjuntos de materiais com características semelhantes (cerâmica, artefatos de pedra ou osso, gravações ou pinturas em rochas) e que mantêm as características, isoladas como diagnósticas, dentro de um espaço e tempo reduzidos; mal comparando, abrangeriam o espaço e o tempo de uma tribo indígena. Tradições são conjuntos maiores de materiais com características semelhantes, reunindo em geral diversas fases e que mantêm as características, isoladas como diagnósticas,

dentro de um tempo (e espaço) mais amplos; mal comparando, abrangeriam o espaço e o tempo de uma nação indígena.

Visto que a região de Casca/RS se encontra em uma área do planalto rio-grandense e os pesquisadores da década de 1970 registraram a ocorrência de estruturas subterrâneas nas redondezas, pode-se relacionar com as considerações de Miller (1967, p. 10), que percebeu que no planalto as estruturas subterrâneas e semissubterrâneas aparecem em boa parte da região, e segundo ele “Nelas encontram-se os refugos culturais da fase Taquara com cerâmica e da fase Camboatá sem cerâmica;”. Miller (1967) faz considerações sobre a fase Taquara, a qual foi aplicada à cerâmica e aos artefatos líticos, sendo mais recente que a fase Camboatá sem cerâmica. O autor demonstra que esta fase é distinta da tradição Guarani. As cerâmicas decoradas seriam compostas conforme apresenta-se na Figura 2. Ele também aponta que os recipientes decorados possuem o fundo arredondado, com dimensões verticais que não ultrapassam 35 cm. Em contrapartida os recipientes sem decoração possuem forma cilíndrica alongada, com base plana, arredondada e em forma de cuia.

Figura 2 – Cerâmica fase Taquara, por Miller (1967)



Fonte: Miller, 1967, p. 20.

Miller (1967) afirma que os artefatos líticos da fase Taquara são melhor acabados dos que o da fase Camboatá, com instrumentos lascados, como talhadores, lâminas, raspadores, lascas com evidência de uso e furadores, e instrumentos polidos como machados sem entalhe, percutores e moedores. Já a fase Camboatá sem cerâmica, Miller (1967) destaca que os artefatos líticos são caracterizados por lascamentos a partir de núcleos de basalto, “grosseiramente”, e que se constituem, em sua maioria, por diversos tipos de talhadores, raspadores, lascas, percutores, polidores de arenito, machados lascados, e raros machados polidos e sem entalhe.

A forma de perceber os artefatos arqueológicos através das Fases e Tradições se tornou bastante utilizada por diversos pesquisadores da Arqueologia, se destacando os que foram ligados ao PRONAPA. Entretanto, houve também críticas e novas propostas de modos de pensar os artefatos, os espaços e a Arqueologia. Brochado e La Salvia (1989, p. 5) escrevem:

As análises atuais são morfológicas, vêem o problema de forma externa, como ele se apresenta hoje, dentro de um contexto arqueológico ou de um ponto de vista decorativo ou estético, não havendo uma preocupação maior de suas origens, de suas necessidades, dos espaços que estavam ocupando e lhe determinaram este ou aquele comportamento.

Brochado e La Salvia (1989) complementam suas ideias com o fato de que a forma de caracterização dos artefatos cerâmicos arqueológicos desde a década de 1960, envolvia dar importância a elementos de sequências cronológicas e descritivas, não percebendo as particularidades culturais do povo produtor dos artefatos. Na pesquisa, os autores trazem as análises de cerâmicas Guarani em quatro dimensões: O material de fabricação das vasilhas; as técnicas de construção e acabamentos de superfície; as posições das decorações nas superfícies; e as categorias funcionais pelos formatos das vasilhas. O tipo de abordagem sugerida por Brochado e La Salvia (1989) expandiu os horizontes ao tratar da cultura de um povo indígena, sendo também possível juntar as informações que Miller (1967) apresenta para servir de questões complementares e comparativas das peças arqueológicas, evitando assim, uma análise exclusivamente de características estéticas e de produções técnicas. Brochado e La Salvia (1989, p. 122) ainda enfatizam que:

A listagem das formas sítio por sítio e não de muitos sítios diferentes juntadas em fases, permite reconstruir o conjunto das vasilhas, em dado momento, por determinado grupo. A união dos fragmentos de diferentes sítios, em uma única amostragem, contabilizando-os como se a um único espaço pertencessem, cria uma multiplicidade de “tipos” de vasilhas as quais são desenhadas nas listagens das “fases”

e as representando, quando, em realidade, tempos diferenças de épocas que chegam alcançar até mil anos. Assim sendo, nem todos os “tipos” de vasilhas adjudicados a uma “fase” estavam realmente em uso ao mesmo tempo mas, em tempos e espaços diferentes.

Em complementação à estas críticas feitas pelos autores, consideramos o que Tilley (1994, p. 1) escreve, que até a década de 1960, “[...] a arqueologia estava preocupada com espaços-tempo sistemáticos e a ordenação de artefatos e outras evidências em unidades culturais dentro de áreas territoriais delimitadas com uma suposta significância étnica.”. Fica claro quando se olha para o caso das Fases e Tradições dos artefatos arqueológicos, que demonstravam uma ordenação e padronização da cultura material dos povos indígenas, onde muitas vezes, os artefatos saíam do padrão ou apenas não nos diziam informações relevantes quando eram vistos dentro destas classificações. Além disso, Tilley (1994, p. 16) afirma que:

Antropólogos e arqueólogos têm se interessado por um longo tempo nas relações entre pessoas e paisagens, concebida estreitamente como ‘meio ambiente’, mas a maior parte das pesquisas tem se focado nos parâmetros funcionais e supostamente adaptativos destas relações, com questões como níveis populacionais, ‘limites’ de recursos e restrições ambientais.

Referenciando as diversas abordagens que a Arqueologia veio utilizando ao longo dos anos, Copé (2006) descreve algumas narrativas que a Arqueologia brasileira teve em relação ao estudo das estruturas subterrâneas no planalto sul. Ela demonstra três abordagens que são importantes de se destacar: a primeira surgindo da década de 1960 e 1970, que destaca como os grupos humanos se adaptaram ao ambiente, por conta do clima. São analisados os grupos Jê conforme as construções das suas moradias, mas não se aprofunda sobre as funções das mesmas; a segunda narrativa conta com questões da “nova arqueologia”, tendo origem do texto *Archaeology as Anthropology* de Lewis Binford (1962), onde enfatiza-se a natureza multivariada do processo cultural. Foram implementados à nova arqueologia questões da “arqueologia espacial”, que continha mapas de distribuição espacial da cultura material, estudos de padrões e sistemas de assentamento; E a terceira narrativa que Copé (2006) cita se faz conforme a “arqueologia da paisagem”, refinada da abordagem da nova arqueologia. Copé (2006, p. 118) escreve que:

A arqueologia da paisagem difere da arqueologia processual quando esta, na aplicação da teoria dos sistemas à interpretação do registro arqueológico, considera o ambiente como um subsistema, enquanto que na arqueologia da paisagem, os subsistemas

econômicos, sociais, políticos são um resultado das estratégias intencionais de manipulação da paisagem, e portanto, os demais subsistemas são produtos da dialética ambiente versus homem, onde o ambiente é concebido como resultado da construção humana e toda a paisagem é antropogenizada, dinâmica.

Destacando que existem, ainda atualmente, as Tradições cerâmicas Casa de Pedra, Itararé e Taquara, as quais são bastante utilizadas em estudos de pesquisadores da Arqueologia, porém, alguns autores como Araújo (2007), Corteletti (2012) empregam a nomenclatura Taquara-Itararé ou Itararé-Taquara, visto que ocorrem semelhanças entre os artefatos cerâmicos dos povos Jê Meridionais no sul do Brasil. Copé (2015) explica sobre estas três Tradições cerâmicas feitas a partir das pesquisas do PRONAPA, de acordo com ela:

Por meio dessas pesquisas foram definidas várias fases e três tradições arqueológicas denominadas Tradição Taquara (RS), Itararé (SC) e Casa de Pedra (PR), caracterizadas por ocupações pré-coloniais produtoras de um tipo de cerâmica pequena composta de potes e tigelas com variada decoração plástica e que estaria presente nos estados meridionais do Brasil desde o século II d.C. até o período da colonização europeia, quando passaram a ser identificados com as sociedades etnicamente ligadas ao tronco linguístico Jê, como os Kaingang e Xókleng históricos. (Copé, 2015, p. 149)

Demonstrar estas perspectivas faz com que se tenha uma percepção da Arqueologia fora do âmbito somente decorativo das cerâmicas, produção dos líticos, questões construtivas e lógicas dos materiais arqueológicos e da arquitetura das construções indígenas. Para que as percepções dos materiais que serão citados em seguida não sejam dotadas de características vazias, mas que possam ser interligadas a questões culturais e simbólicas. A perspectiva de análise de artefatos arqueológicos dos diversos tipos, principalmente dos líticos e cerâmicos, pode ser vista através destas novas abordagens que estudiosos da Arqueologia tem proposto, mesmo que estas abordagens sejam focadas mais especificamente na relação do ser humano com a paisagem, os artefatos arqueológicos fazem parte deste estudo cultural.

Coleção do Museu Albino Busato (MAB)

Em sequência, abordaremos as análises e considerações feitas pela equipe do LACUMA sobre a coleção MAB. No ano de 2023 foram feitas as catalogações das peças líticas e cerâmicas existentes no acervo do Museu Albino Busato, algumas delas já contavam com nomenclaturas, portanto estas foram mantidas, e as que não continham numeração foram identificadas com a

abreviatura “MAB” seguida de um valor numérico. Além disso, foram feitos registros fotográficos de todas as peças.

Trazendo à tona as pesquisas arqueológicas no município de Casca, pode-se pensar sobre os objetos da coleção do MAB. Ao que se sabe, não há provas de que a coleção seja concretamente ligada às pesquisas da década de 1970 do Gabinete de Arqueologia da UPF, apesar de ser uma das possíveis origens desses materiais. Como as reportagens da década de 1970 não informaram achados cerâmicos dentro das Paleotocas, e as publicações dos professores do Gabinete de Arqueologia são escassas para a obtenção de respostas, faremos algumas ligações e perguntas sobre toda esta gama de registros arqueológicos. Pensando sobre as abordagens que foram levantadas durante o artigo, vamos considerar a região do município, onde foram encontradas as Paleotocas e as estruturas subterrâneas e semissubterrâneas, e apesar de não terem pesquisas referentes a isso, uma reportagem do Jornal do Brasil (1978), confirma que a professora Norah de Toledo Boor já havia encontrado peças cerâmicas a céu aberto em propriedades privadas da região de Casca e outros materiais líticos em cavernas.

Analisando os artefatos cerâmicos da coleção MAB, foi possível perceber, primeiramente, algumas características de decorações. Na Figura 3, apresenta-se um vasilhame com diâmetro de boca medindo 15 cm, sendo a única peça cerâmica íntegra da coleção. Na análise da peça, pode-se identificar que foi, possivelmente, produzida com a técnica de “Acordelado” (Brochado; La Salvia, 1989), onde o objeto cerâmico é composto por roletes de argila empilhados que são alisados de forma a grudarem uns nos outros durante a modelagem. Quando há uma quebra na cerâmica, os roletes podem ser vistos mais facilmente.

Figura 3 - Tigela cerâmica do acervo MAB.



Fonte: Inventário do Laboratório de Cultura Material e Arqueologia da UPF.

Além disso, outra questão sobre este vasilhame é a de que ele poderia ter apresentado algum tipo de pintura anteriormente, a qual provavelmente foi desgastada por conta de antigas limpezas inadequadas do objeto, visto que o mesmo possui diversas marcas de ranhuras na parte externa e interna. É uma vasilha pequena, possivelmente para beber algum tipo de líquido, e visto a possibilidade de decoração pintada e de seu formato, se aproxima de artefatos percebidos nas tradições Guarani. Ao escreverem sobre as cerâmicas Guarani, Brochado e La Salvia (1989, p. 121) descrevem vocabulários registrados por Padre Antonio Ruiz de Montoya na obra *Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani* de 1876. Os autores separam as cerâmicas Guarani nas funções de: Pannels, talhas e pratos. Retirando informações a partir disso, o vasilhame da coleção MAB pode encaixar-se como uma talha, denominada “Cambuchí”, nomenclatura que sugere vasilhas com funções de conter, servir ou beber líquidos. Brochado e La Salvia (1989) demonstram a existência de diversos tipos de Cambuchí na cultura Guarani, desde os pequenos com 15 cm de diâmetro de abertura até os grandes, com 70 cm de diâmetro máximo.

As semelhanças entre o vasilhame da coleção MAB aos vasilhames apresentados no livro de Brochado e La Salvia reforçam a hipótese desta vasilha ser um Cambuchí Guarani, que originalmente teria algum tipo de pintura, “Estas talhas são, na maior parte dos casos, pintadas exteriormente, na porção superior, com traços em vermelho e/ou preto sobre fundo branco” (Brochado; La Salvia, 1989, p. 132). O vasilhame pode, também, ter servido como uma panela, ou como Brochado e La Salvia (1989) se referem, “Yapepó”. Algumas marcações na parte de baixo e dos lados do vasilhame remetem à queima feita durante seu uso diário, quando o objeto é levado ao fogo. Ele pode ter sido utilizado para esquentar água ou no cozimento de alimentos diversos.

Como o vasilhame é o único artefato cerâmico íntegro da coleção, as informações sobre suas eventuais funções e utilidades são notadas sem tantas dificuldades. Entretanto, tem-se centenas de fragmentos cerâmicos dentro do acervo MAB, que contam com diversos tipos de decorações ou sem decorações, fragmentos de partes do “corpo” do material cerâmico e fragmentos de bordas. Utilizando como base para a decoração os escritos de Brochado e La Salvia (1989), foram percebidas nos fragmentos cerâmicos as seguintes decorações: corrugado, ungulado, ponteadado, beliscado, inciso, alisado, com algumas variações desses mesmos tipos de decoração.

Figura 4 - Fragmentos cerâmicos com decorações do acervo MAB.



Fonte: Acervo da autora.

Vamos levantar algumas questões: seriam estes fragmentos cerâmicos pertencentes aos Guarani ou aos Jê? E seria possível obter respostas de suas categorias e funcionalidades apenas pelos fragmentos? Brochado e La Salvia (1989, p. 147) demonstram que isto é possível, a partir de uma perspectiva de análise da pasta das cerâmicas:

Seja de que área for, ao comparar uma cerâmica Guarani com uma Gê, sob o aspecto da pasta, imediatamente é possível dizer a que cultura pertence. As diferenças estruturais, entretanto, não poderão, ao nosso ver, estabelecer dentro de um mesmo grupo diferenciações embora estejam distantes.

Em decorrência dos fragmentos cerâmicos da coleção chegarem a 326 peças, levaria um período grande de tempo para analisá-las individualmente, porém foi perceptível que determinados fragmentos cerâmicos e fragmentos de borda contavam com características semelhantes às cerâmicas Guarani apresentadas no livro de Brochado e La Salvia (1989). As cerâmicas com decoração corrugada, como a número 3, 10 e 11 demonstradas na Figura 4, são típicas dos Guarani, além de que, as cerâmicas 10 e 11 fazem parte do mesmo vasilhame, contando com uma mudança de coloração na argila utilizada para construção do objeto. É um recipiente de aproximadamente 10 centímetros, que possivelmente tinha a função de um copo

para beber líquidos, e até bebidas alcoólicas, por conta do seu tamanho pequeno. Já os fragmentos 4 e 5 caracterizam-se pela cerâmica Jê, com a argila em tom mais escuro e a decoração ponteadada típica de várias cerâmicas dos Jê Meridionais.

Os artefatos líticos da coleção MAB são compostos por instrumentos brutos como machados polidos, instrumentos lascados, percutores, mãos de pilão, pontas de flecha e boleadeiras. Uma das pontas de flecha demonstrada na Figura 5 foi feita em quartzo, enquanto outras duas pontas de flecha do acervo parecem ter sido feitas em pedra de sílex, por conter coloração mais próxima de tons de cinza claro a cinza escuro. Há também, na coleção, um instrumento com claras marcas de lascamento, feito em quartzo leitoso. As boleadeiras foram realizadas com pedra de basalto, assim como os machados polidos e demais instrumentos citados. Há alguns poucos instrumentos lascados em bloco de arenito.

Figura 5 - Artefatos líticos lascados e polidos da coleção MAB



Fonte: Acervo da autora.

Os materiais líticos, algumas vezes, podem ser percebidos com temporalidades que remetem a grupos pré-cerâmicos, como foi o caso dos pesquisadores do Gabinete de Arqueologia na década de 1970 que encontraram um machado de formato lunar nas Paleotocas de Casca, e por todo o contexto que estava inserido, pensaram que aquele objeto pertenceria a grupos pré-históricos. Os artefatos líticos do acervo MAB possuem diferentes tipos de técnicas, polimentos e lascamentos, e as funções dos artefatos poderiam ser variadas. Os machados de pedra polida serviam para cortar diferentes materiais, especificando a madeira. As boleadeiras

eram amarradas em cordões para caça de animais, as marcas dessas amarrações são visíveis no centro da esfera polida em basalto. Já os instrumentos lascados poderiam servir como raspadores, tanto de couro, como de outros materiais, além do auxílio para cavar e cortar. As pontas de projétil seriam, como as boleadeiras, feitas para a caça. Há também outros materiais líticos dentro da coleção, que seriam mãos-de-pilão, para amassar e moer grãos, e materiais circulares grandes que foram caracterizados como percutores, que poderiam servir para quebrar algo.

Considerações finais

Este artigo buscou perceber e coletar informações referentes aos artefatos da coleção arqueológica do Museu Albino Busato, do município de Casca/RS. Foi notável, através do histórico de pesquisas arqueológicas da região e demais pesquisas no Rio Grande do Sul, que os grupos indígenas, tanto pré-coloniais quanto grupos que tiveram contato com o europeu, pertenceram aos troncos-linguísticos Jê e Tupi-Guarani.

Uma questão que foi percebida durante a análise dos materiais do acervo MAB é de que os artefatos arqueológicos cerâmicos que compõem a coleção são, a maioria, decorados. Apesar da falta de informações de como e quando essas peças chegaram ao Museu, é possível pensar que elas tenham sido recolhidas e guardadas para o Museu por conta de sua decoração estética, como foi visto nas imagens apresentadas durante os escritos. Os artefatos líticos da coleção possuem dimensões grandes ou contam com características específicas, como as mãos de pilão ou percutores, além das pontas de projéteis, machados polidos e boleadeiras, os quais podem ser facilmente identificados. Entretanto, existem alguns exemplares líticos que, possivelmente, não foram modificados ou produzidos por mãos humanas, se caracterizando como seixos de rio, ainda que não se descarte a possibilidade de terem sido, em algum momento, utilizados como ferramentas pelos grupos humanos. Não é possível saber os locais em que os artefatos foram encontrados, visto que não há informações de coleta e de contexto arqueológico.

Os artefatos arqueológicos do acervo MAB contam com características qualitativas e quantitativas para a análise arqueológica. Mesmo que não seja, ainda, possível determinar o ano de constituição dos materiais e analisar todo o acervo, pode-se identificar alguns traços. A identificação dessa cultura material ligando-se aos grupos indígenas que habitavam a região

antes dos europeus, nos entrega entendimentos sobre as práticas diárias daquelas pessoas. Quando se analisa a cultura material, a paisagem e a etnografia e a história, as informações surgem mais facilmente e mais bem embasadas.

Fontes

Ofício NuPHA nº 06/2023. Solicitação de deslocamento e salvaguarda do acervo arqueológico presente no Museu Histórico Regional (MHR) para o Laboratório de Cultura Material e Arqueologia (LACUMA). PPGH, Universidade de Passo Fundo, jul. 2023.

TOCA DE ÍNDIOS: Descoberta no sul uma cidade que pode ter 2.000 anos. *Revista Veja*, p. 49, 7 de junho de 1978. Disponível no acervo documental do Museu Albino Busato.

ARQUEÓLOGOS de Passo Fundo descobrem civilização pré-histórica em casca. *Correio do Povo*, p. 16, Porto Alegre, 28 de maio, 1978. Disponível no acervo documental do Museu Albino Busato.

Referências

BEBER, Marcus V. **O sistema de assentamento dos grupos ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro: o caso da Tradição Taquara/Itararé**. 290 p. Tese (Doutorado em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2004.

BERTON, Aline N. **Histórias e Silêncios no Museu Municipal Albino Busato - Casca/RS (1990-2018)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2023.

BERTON, Aline N. **O Kitsch no acervo do Museu: análise e reflexões sobre o Kitsch presente no acervo do Museu Municipal Albino Busato de Casca/RS**. *Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF*, Passo Fundo, v. 19, n. 3, p. 181-200, set/dez, 2020.

BERTUSSI, Paulo; et al. **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

BROCHADO, José P; LA SALVIA, Fernando. **Cerâmica Guarani**. 2ª edição. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

CHMYZ, Igor. **Prospecções arqueológicas no Vale do Rio das Antas, Rio Grande do Sul (Brasil)**. *Acta Praehistorica* V-VII, 1961-1963, Buenos Aires, 1965.

COPÉ, Silvia M. **A gênese das paisagens culturais do planalto sul brasileiro**. *Aspectos da Arqueologia brasileira*. Estudos avançados 29, jan-abr, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/jFhrg6zqp4WPWSW8QDsGRVm/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 28 abr, 2025.

COPÉ, Silvia M. Narrativas espaciais das ações humanas. História e aplicação da Arqueologia espacial como teoria de médio alcance: o caso das estruturas semi-subterrâneas do planalto Sul-brasileiro. **Revista de Arqueologia**, v. 19, p. 111-123, 2006.

CORTELETTI, Rafael. **Casas subterrâneas em Caxias do Sul**: Conservação, distribuição e implantação. 216 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Históricos Latino-Americanos), Programa de Pós-graduação em História, UNISINOS. São Leopoldo, 2006.

CORTELETTI, Rafael; *et al*; **Paisagens Jê**: Uma arquitetura sobre povos indígenas do sul do Brasil. Florianópolis: Habitus, 2024. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/379600017_Paisagens_je_Uma_arqueologia_sobre_povos_indigenas_do_sul_do_Brasil . Acesso em: 20 abr. 2025.

DIAS, Adriana S. **Sistemas de Assentamentos e Estilo Tecnológico**: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. 402 p. Tese (Doutorado em Arqueologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

LA SALVIA, Fernando. Resumo das pesquisas arqueológicas no planalto - Rio Grande do Sul. Anais do Segundo Simpósio de Arqueologia da Área do Prata. Instituto Anchieta de Pesquisas, **Pesquisas, Antropologia**, nº18, Estudos Leopoldenses, nº 9, p. 101 - 113, 1968.

MENTZ RIBEIRO, Pedro A. A tradição ceramista tupiguarani do Sul do Brasil. Os ceramistas tupiguarani. **Publicações IPHAN**, 2009. p. 161-177. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/os_ceramistas_tupiguarani_voll_sinteses_regio_nais.pdf . Acesso em 28 abr, 2025.

PERIN, Edénir B.; HERBERTS, Ana Lucia; OLIVEIRA, Marcelo A. T. de. A cronologia Jê meridional e os novos dados para o alto curso do Arroio Cará, Coxilha Rica, Lages, Santa Catarina. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 2, p. 581-609, maio-ago. 2019.

MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Nordeste do Rio Grande do Sul. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – Resultados Preliminares do Primeiro Ano 1965-1966. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, **Publicações Avulsas**, n. 6, p. 15-38, 1967.

NOELLI, Francisco S. **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: EDUEL, 2004.

REIS, Maria J. **A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no planalto Catarinense**. Erechim/RS, Editora Habilis, 2007.

ROGGE, Jairo H; SCHMITZ, Pedro I. Pesquisas arqueológicas em São Marcos, RS. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, **Pesquisas, Antropologia**, nº67, 2009.

SALDANHA, João D. M. **Paisagem, Lugares e Cultura Material: Uma Arqueologia Espacial nas Terras Altas do Sul do Brasil**. 177 p. Dissertação (Mestrado em História), Pós-graduação em História, PUCRS. Porto Alegre, 2005.

SCHMITZ, Pedro I. Algumas datas de carbono 14 de casas subterrâneas do planalto do Rio Grande do Sul. Arqueologia da Área do Prata. Anais. Instituto Anchietano de Pesquisa: **Pesquisas, Antropologia**, n.20, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1969.

SCHMITZ, Pedro I. Arqueologia no Rio Grande do Sul. Instituto Anchietano de Pesquisas, **Pesquisas Antropologia**, n. 16. São Leopoldo, 1967.

SCHMITZ, Pedro I; *et al.* Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, UNISINOS, **Documentos 02**, 1988.

SCHMITZ, Pedro I; *et al.* Casas Subterrâneas nas terras altas do sul do Brasil. Instituto Anchietano de Pesquisas. **Pesquisas, Antropologia**, nº 58, São Leopoldo, UNISINOS, 175 p., 2002.

SCHMITZ, Pedro I; *et al.* Pré-História do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, UNISINOS, **Documentos 05**, 2ª ed., 2006.

TILLEY, Christopher. **A Phenomenology of Landscape: places, paths and monuments**. Oxford: Berg Burg Pub Ltda., 1994. Tradução por Vanessa Barrios Quintana.

VICROSKI, Fabricio J. N; FRANK, Heinrich T. A problemática das galerias subterrâneas na arqueologia do sul do Brasil. **Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional**. Passo Fundo, PPGH/UPF, 2013. Disponível em: https://www.ufrgs.br/paleotocas/Vicroski_e_Frank_2013b.pdf. Acesso em: 14 abr. 2025.

WOLF, Sidnei. **Arqueologia Jê no Alto Forqueta/RS e Guaporé/RS: Um novo cenário para um antigo contexto**. Tese (Doutorado em Ciências), Pós-graduação em Ambiente e Desenvolvimento, UNIVATES. Lajeado, 2016.

Notas

ⁱ Há diferentes nomenclaturas para estas construções. “Estruturas” foram utilizadas por Reis (2007), Dias (2003), Saldanha (2005), Rogge e Schmitz (2009), Wolf (2016), entre outros, enquanto “habitações” ou “casas” foram utilizadas por Chmyz (1965), Schmitz (1969; 1988; 2002), Beber (2004), Corteletti (2006).